

OFICINA DE DANÇAS FOLCLÓRICAS DO RIO DE JANEIRO

Aline Oliveira de Sousa
Maria Gabriella Pinheiro Silva

Docentes da E. E. M. Teixeira e Souza (Politécnico da UFRJ - Cabo Frio)
NUPEFE (Núcleo de pesquisa em Educação Física Escolar)

RESUMO

A oficina de danças folclóricas propõe novos olhares acerca da diversidade de estímulos para as aulas de Educação Física. Chamou-nos atenção o fato de muitos professores desse componente curricular, ao exercerem a docência, apresentarem certo distanciamento ou receio com o folclore. Essa situação pode ser causada por diversos fatores, que não serão abordados na oficina. Mas, explicitaremos como a ausência ou pequena valorização dessa prática, durante a graduação e a falta de referências e pesquisas sobre o assunto contribuem para esse processo. Para suprir essa lacuna, propomos a sua utilização como conteúdo curricular.

Objetivamos estimular uma troca de conhecimento entre os professores e as danças folclóricas destacadas: Jongo da Serrinha, Jongo de Valença, Mineiro Pau e Cirandas de Tarituba. Enriquecendo, dessa forma, suas práticas cotidianas.

Apoiamo-nos, em estudos de Cevasco, Cascudo, Veiga-Netto e Ribeiro. Sua relevância é justificada pela constatação de que a dança folclórica é um movimento da cultura popular, transpassando alguns aspectos sociais, como: tradição/atualidade e transformação da cultura em mercadoria.

Palavras-chave: danças folclóricas, cultura e Educação Física escolar.

INTRODUÇÃO

A dança, em toda sua plenitude, contribui para o desenvolvimento das percepções e sensibilidades, de diversas valências físicas e funções psicomotoras, como: flexibilidade, lateralidade, coordenação motora, ritmo e agilidade. Também serão valorizadas, na oficina, a história das danças folclóricas fluminenses, semelhante à história da própria sociedade brasileira. A utilização desse recurso extra nos conteúdos escolares favorece o enriquecimento cultural dos alunos, proporcionando vivências com formas variadas de linguagem, como a corporal.

DESENVOLVIMENTO

Salientamos a importância de introduzir a cultura como tema nas aulas de Educação Física, para que o aluno descubra a diversidade cultural do nosso país, valorizando e aquilo que lhe era indiferente.

É comum percebermos que se olha a cultura como o que melhor foi produzido pela humanidade. Apoiamo-nos em Veiga-Neto (2003), ao afirmar que a escola por muito tempo trabalhou, e ainda trabalha, com essa perspectiva, compreendendo cultura como conjunto do que de melhor produziu-se socialmente. Tanto em termos materiais, artísticos, filosóficos, científicos ou literários. Contribuindo para a diferenciação hierárquica de dois outros conceitos: a alta cultura e a baixa cultura. É no âmbito escolar que a alta cultura apresenta-se

como um modelo máximo de expressão do espírito humano para toda a sociedade. Esta diferenciação foi, e ainda é, a preocupação de muitos educadores que vêem a educação como um caminho natural para a elevação cultural de um povo a partir da democratização da alta cultura. Este discurso veiculado via escolas, de certa forma, permeia, influencia e legitima este tipo de pensamento (p.7-9). Acreditamos, entretanto, que existem resistências no âmbito escolar e que também tem se trabalhado outras possibilidades de pensar a cultura.

Nosso entendimento de cultura aproxima-se, em parte, com as idéias de Raymond Williams quando afirma que a cultura é ordinária, ou seja, é singular, e que está engendrada na vida humana, sendo construída como um processo que se dá em vários níveis e onde todos participam. A cultura é de todos, não ocorre separada da esfera da vida cotidiana. Para defender a cultura como a conjunção de todo um modo de vida, o autor trabalhou os conceitos de arte e criatividade. Refutou a idéia de que a criatividade era algo excepcional, que apenas alguns poderiam dotar, ao mesmo tempo, que via na arte uma possibilidade de encontrar e organizar novas descrições de experiências e comunicá-las, transmiti-las. Sendo assim, e exemplificando o olhar de um grafiteiro sobre certo aspecto da sociedade. Sua expressão comunicada nos muros é tão relevante quanto um quadro de um pintor famoso exposto em um museu. Essa forma de pensar possibilita inclusive a busca de um outro olhar e de uma re-significação para o conceito de arte. Ao tecer tais proposições, Williams denuncia a cultura como um campo de luta, aproximando-se de Thompson (CEVASCO, 2001, p.54).

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS DA OFICINA

1) CIRANDAS DE TARITUBA

A ciranda é considerada, pela sua estrutura de roda, uma dança de confraternização e união. É um folguedo popular de roda, em que não há preconceitos de sexo, cor, idade, condição social ou econômica. É no Rio de Janeiro, mais precisamente em Tarituba, distrito de Paraty, que há mais de 150 anos, idosos, jovens e crianças dançam e brincam a Ciranda e suas miudezas durante os festejos em homenagem a Santa Cruz, padroeira da Cidade. Além dos dias de festa, é dançada também em comemoração à boa pescaria e em momentos de pura alegria e animação. O ritmo forte é marcado para que o povo dance e preencha seus momentos de folga. Dança de pares, ora unidos, ora de braços enlaçados, ora soltos, apresenta coreografias marcadas onde se observa a possibilidade de participação do público presente, a começar com um pequeno círculo, que aumenta à medida que chegam mais pessoas. Seu movimento lembra o vaivém das ondas do mar e o ato de peneirar (acredita-se que o vocábulo *ciranda* derive da palavra persa *sarand*, que significa peneira). Como toda dança, tem seu ritual próprio, seus mestres e contramestres que aos sons de violas e tambores festejam e celebram a vida, como sempre ocorreu na história da humanidade.

2) JONGO

É uma manifestação cultural de origem africana, possivelmente de procedência angolana, e que influenciou poderosamente na formação do Samba carioca. É dança de terreiro, da qual participam pessoas de todas as idades e de ambos os sexos. Classificada por Edison Carneiro como uma das formas atuais do batuque, muito se assemelha ao Caxambu no ritmo e na coreografia. Os participantes, dispostos em círculo, batem palmas e improvisam evoluções que incluem movimentos de tronco. No interior da roda fica o solista ou jongueiro, indivíduo que se revela grande conhecedor de pontos. Nas letras dos pontos reside toda a dificuldade do

jongo. Espécie de enigma versificado, que emprega figuras de metáfora difíceis de serem decifradas e que o adversário precisa adivinhar para *desatar* ou *desamarrar* o ponto. Os instrumentos usados para acompanhar o Jongo são dois tambores de tamanhos diferentes. *Tambu*, o maior, e *candongueiro*, o menor. Atualmente, há registro de grupos de Jongo nos municípios de Angra dos Reis, Campos dos Goytacazes, Pinheiral, Rio de Janeiro (Morro da Serrinha), Rio Claro e Valença.

3) MINEIRO-PAU

Dança muito difundida no Norte e Noroeste do Estado do Rio de Janeiro, às vezes denominada Maneiro-pau. É integrada por participantes de ambos os sexos, adultos e crianças. Cada dançador traz um ou dois bastões de madeira executando, de modo ágil e harmonioso, a marcação dos tempos do compasso musical. É dança de pares soltos que se defrontam, ora em fileiras opostas, ora num círculo único. Eles manejam os bastões, também chamados *paus*, feitos de galhos finos resistentes, e medindo cerca de um metro de comprimento. O instrumental que acompanha o grupo é formado por sanfona de oito baixos, bumbo, caixa, triângulo, chocalho e pandeiro. É comum aparecerem, como parte do grupo, elementos dramáticos: o Boi Pintadinho, a Mulinha, o Jaraguá, o Urubu, o Gavião, o Toureiro. Além do Carnaval, o Mineiro-pau apresenta-se também em outros momentos festivos e nas comemorações familiares, como aniversários, batizados e casamentos. Há registro de grupos em Cambuci, Duas Barras, Itaocara, Itaboraí, Laje do Muriaé, Miracema e Santo Antônio de Pádua.

METODOLOGIA

Iniciaremos com uma breve conversa sobre a importância da utilização das danças folclóricas como conteúdo curricular. Em seguida, realizaremos uma dinâmica visando à socialização, com as manifestações folclóricas que serão apresentadas ao grupo. Trabalharemos com as quatro danças folclóricas do estado do Rio de Janeiro supracitadas. Para cada uma, separamos cerca de vinte e cinco minutos, para um breve relato histórico, apresentação de músicas e dinâmicas que facilitem sua aprendizagem.

REFERÊNCIAS:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Jongo>, 23 de Maio de 2008, às 20:00h.

http://www.soutomaior.eti.br/mario/paginas/dic_m.htm, 15 de Maio de 2008, às 18:32h.

<http://www.inepac.rj.gov.br/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=28>, 20 de Maio de 2008, às 14:00h.

BRANDÃO, C. R. *O que é folclore*. 5ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CASCUDO, L. C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Ltda, 1993.

CEVASCO, Maria Elisa. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GABRIEL, E. *Danças e Folguedos Folclóricos Brasileiros – Companhia Folclórica do Rio / UFRJ*. 2ª edição. Apostila (apresentada ao curso de graduação) - Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

RIBEIRO, M. L. B. *O Folclore na Escola*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1976.

VEIGA-NETO, A. *Cultura, culturas e educação*. Revista Brasileira de Educação, Maio-Agosto, n° 023, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, São Paulo, Brasil.

Modalidade do trabalho: oficina

Recursos necessários: Datashow e aparelhagem de som (rádio, microfone e caixa de som).